



# abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

## METAMORFOSES DO PRESENTE. A FICÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA EM PERSPECTIVA COMPARADA COM A FICÇÃO PORTUGUESA

Pedro Beja Aguiar (PUC-Rio)

**Resumo:** Este artigo se propõe a pensar a literatura contemporânea, mais precisamente a literatura brasileira e portuguesa, a partir de um regime heterogêneo de temporalidade e espacialidade cuja experiência está em metamorfose nos dias de hoje. Partimos do pressuposto que esta emergência histórica de transformação, que vai de encontro à ideia de uma modernização absoluta, possibilita repensar a experiência estética da literatura a partir de um olhar afinado sobre os potenciais contidos na “atmosfera e nos ambientes” absorvidos pelas obras literárias enquanto formas de vida e na chamada “imediatez histórica” que tais obras compreendem. Desta forma, buscaremos pensar as noções de tempo e espaço como identidades na literatura, a partir das elaborações do professor Hans Ulrich Gumbrecht sobre o conceito de “presença” na literatura, bem como as categorias de modernidade, contemporaneidade e suas relações com a História na literatura realizadas pelos escritores: Luiz Ruffato – *Eles eram muitos cavalos* – e Gonçalo M. Tavares – *animalescos*.

**Palavras-chave:** Literatura contemporânea; Presença; Metamorfose; Temporalidade; Espacialidade.

### Introdução

Este artigo, primeiramente apresentado em formato resumido no simpósio dedicado ao debate da “ficção brasileira contemporânea em perspectiva comparatista”, se propõe a pensar a literatura contemporânea do escritor brasileiro Luiz Ruffato – mais precisamente o livro *Eles eram muitos cavalos* (2007) – e do escritor português Gonçalo M. Tavares – com o livro *animalescos* (2013) – a partir de um regime heterogêneo de temporalidade e espacialidade cuja experiência está em metamorfose nos dias de hoje.

Para desenvolver esta reflexão, partimos da interpretação que esta emergência histórica de transformação, que vai de encontro à ideia de uma modernização absoluta, possibilita repensar a “experiência estética” da literatura a partir de um olhar afinado sobre os potenciais contidos na “atmosfera e nos ambientes” (GUMBRECHT, 2014)

absorvidos pelas obras literárias enquanto formas de vida e na chamada “imediatez histórica” que tais obras compreendem. Ou seja, ler as experiências de tempo – cada vez mais acelerado – e de espaço – cada vez mais modificado e flexibilizado – como identidades na literatura; para ser mais preciso, como chaves de sobrevivência no tempo presente.

Como um convite ao leitor para repensar o seu papel nos tempos atuais, marcado, basicamente, pela simultaneidade conquistada pelos avanços tecnológicos, as duas obras escolhidas fazem parte de uma produção ficcional contemporânea tensionada com a existência do ser no mundo, de um ser (des)territorializado no tempo e no espaço, na sociedade e na história. Ambas as ficções se destacam não apenas pela afirmação de uma “presença na linguagem” (GUMBRECHT, 2009), ou seja, a linguagem que pode desencadear uma experiência estética – como na escrita desafiadora de Ruffato, engajada em uma oscilação com o significado, no sentido de que cada personagem do livro está inscrito pelo ritmo e estilo de fala através de seus comportamentos no espaço da cidade ou, como no caso de Gonçalo, quando a linguagem se abre para o mundo das coisas, o que tem que ver com “a prosa [que] imita o ritmo dos movimentos ou dos eventos a serem evocados” (GUMBRECHT, 2009, p. 16) –, como também coloca em pauta um novo estilo de realismo, que o professor Karl Erik Schollamer definiu como:

[uma estética que] se expressa pela vontade de relacionar a literatura e a arte com a realidade social e cultural da qual emerge[m], incorporando essa realidade esteticamente dentro da obra e situando a própria produção artística como força transformadora. (SCHOLLAMER, 2009, p. 54)

### **Registros do cotidiano pela linguagem**

No romance *Eles eram muitos cavalos*, Luiz Ruffato proporciona ao leitor, através de uma composição literária que chamaremos aqui de mosaico<sup>1</sup>, uma experiência estética em que a pulsão de uma megalópole (São Paulo) é sentida a partir de personagens *comuns* nos seus fazeres do cotidiano. A linguagem, de grande capacidade adaptativa e construída a serviço de uma sensação, fornece ao leitor um grande painel em que cada recorte de experiência realizado na tecitura da cidade, ou

---

<sup>1</sup> A ideia de mosaico se origina da leitura de um artigo de Catia Valério Ferreira Barbosa, no livro “O Futuro pelo retrovisor”, no qual a professora destaca a composição híbrida do romance, através de uma estrutura fragmentada tanto em relação à linguagem quanto à justaposição de diferentes gêneros discursivos. Ver em: BARBOSA, 2013, p. 152.

melhor, cada retrato que ilumina temporariamente um habitante, evoca o invisível, o anonimato no cotidiano.

Mesmo circunscrita a um só tempo e espaço, como identificamos logo no início do romance nos retratos<sup>2</sup> “1. Cabeçalho” e “2. O tempo” – os fatos narrados se dão no dia 9 de Maio de 2000, na cidade de São Paulo, como já colocamos –, a ação, o conteúdo ficcional, é altamente plural, o que possibilita aferirmos que esta obra quebra a visão enrijecida do cotidiano, ou seja, a experiência, como aquilo que nos vincula ao mundo e aos outros seres, está sob suspeita; há nela uma falha, uma desilusão, um desconforto: é a simultaneidade de instantes proporcionada por uma estrutura de linguagem fragmentada e por uma justaposição<sup>3</sup> de tipos diferentes de textos, como percebemos nos classificados, nas listas de compra, nas anotações dispersas, nos santinhos católicos, entre outros.

A chamada “imediatez histórica” compreendida na obra de Ruffato ocorre na experiência de presentes, ou seja, na “presentificação” (GUMBRECHT, 2009) de algo não mais presente: ao lermos a ficção do escritor brasileiro o que nos aparece é sempre uma simulação da ausência do presente. O simulacro de cada elemento repetido à exaustão – refiro-me aqui à publicidade, aos papéis publicitários – ao longo do livro produz um efeito de real (RANCIÈRE, 2010) a partir da imagem, transformando o presente em algo pleno, ou melhor, este processo só é possível de se afirmar a partir da perda da importância da referencialidade da imagem: a da ficção é o objeto em si próprio (referência) e não precisa apontar para nenhum correspondente no mundo real, fato imprescindível para entendermos como tudo pode ser, agora, entendido como presente – no caso de Gumbrecht, “presença”. É desta interpretação que arrisco uma leitura: tudo o que vemos no livro de Ruffato é presente, ou, caso não seja, se torna imediatamente diante de um processo de presentificação incessante. Por isso, em *Eles eram muitos cavalos* encontramos uma forte pulsão nas lacunas deixadas pelas experiências lidas.

### **A queda como experiência**

---

<sup>2</sup> Utilizo o termo “retrato” para cada capítulo ou conto a fim de enfatizar a ideia de “*flash* da câmera fotográfica” (DEALTRY, 2007, p. 170).

<sup>3</sup> Ver os retratos (ou capítulos): “18. Na ponta do dedo (1)” (p. 42), “24. Uma estante” (p. 54), “31. Fé” (p. 69), “36. Lei o Salmo 38” (p. 78), “42. Na ponta do dedo (2)” (p. 95), “45. Vista parcial da cidade” (p. 100), “54. Diploma” (p. 121), entre outros.

No romance *animalescos*, Gonçalo M. Tavares apresenta ao leitor uma crítica a racionalização da experiência no tempo presente a partir de pequenas ficções fragmentadas, desconexas, em que as ações mesclam-se de forma indefinida e, ao longo dos capítulos, se multiplicam. Este descompasso com a nossa experiência de tempo deflagrado por Gonçalo Tavares não é a perda total da experiência, como Walter Benjamin alertou tempos atrás no ensaio “O narrador” (1936), mas é a deflagração de outras experiências. Como no trecho do romance: “nada de especial, um velho homem barbudo carrega uma espingarda, tem a arma atrás do ombro como um material de trabalhar a terra e até é: as balas são disparadas contra o solo, violentamente, e acredita-se que assim a colheita será melhor [...]” (TAVARES, 2013, p. 45). O autor português indica logo na epígrafe que abre o livro: “quarta pessoa do singular; é ela que se pode tentar fazer com que fale” (frase de Gilles Deleuze), que a fragmentariedade do narrado se amplia de modo que a “quarta pessoa do singular”<sup>4</sup> possa falar, ou seja, que a voz narrativa seja uma voz marcada pela patologia do seu tempo.

Ao nos apresentar a loucura, o medo e a animalização do ser humano, no qual “os tempos estão baralhados” (TAVARES, 2013, p. 10), Gonçalo lança mão de uma linguagem que não está a serviço de referentes, mas sim em busca de um sentido – o enredo corre atrás da linguagem. Transtornada<sup>5</sup>, a linguagem se converte na imagem (poética) que marca as experiências, por isso “o que se passa lá fora não é entendido cá dentro” (TAVARES, 2013, p. 10).

Semelhante a Ruffato com a construção de um mundo em ruínas, Gonçalo M. Tavares constrói em *animalescos* uma obra pautada por ruídos, nele o que é dito não está preso a normas estéticas e a espaços geográficos. O narrador destas ficções – a linguagem marca a esquizofrenia (marca da crise dos tempos?) – adota um discurso sem identificação com território, comunicando experiências e sensações sem expô-las de forma clara e distinta, como nos trechos a seguir:

um homem na rua a andar sem calças, tenta morder o próprio nariz, engole a palavra que acabou de dizer, depois vomita-a e aí não se percebe o que diz, engole de novo ar para poder falar [...] (TAVARES, 2013, p. 9)

---

<sup>4</sup> Interpretamos esta “quarta pessoa do singular” como uma zona de vizinhança ou de indiscernibilidade do humano com o animal.

<sup>5</sup> A linguagem transtornada indica um estado alterado no registro das experiências.

num habitat de cem quilômetros o animal dá voltas à sua cabeça como quem está a ser perseguido e encontra e apanha quem o persegue e por medo arranca a própria cabeça pois é nela que está o inimigo que a psicanálise conseguiu colocar lá dentro [...] (TAVARES, 2013, p. 16)

a mulher agitada diz que vai lavrar o campo com a agitação que agora tem sentada numa cadeira, com a cabeça a bater em cada extremidade: [...] e pede outra moeda e ninguém a dá e sai à rua a pedir moedas e todos julgam que ela quer as moedas para comer [...] (TAVARES, 2013, p. 23)

O ponto central do livro não reside numa preocupação com a estrutura narrativa dos textos, mas sim com o modo como a experiência visceral e primitiva do ser humano está imersa num mundo de máquinas – “e aqui está o que é máquina, uma camioneta que mata e engole os vestígios, que invenção útil” (TAVARES, 2013, pp. 47-48) – em que a natureza e o metal – algo exclusivo do homem – se intercalam numa destruição coletiva: “aqui tenho uma arma para obrigar a natureza a acelerar e utilizo esta ameaça e, se necessário, até outras de que me lembrei agora” (TAVARES, 2013, p. 46). Por isso, a obsessão pela queda aparece no romance como um espaço recorrente (espaço aberto):

avanço na queda como alguém que julgasse que pode acelerar esse movimento, não te apresses, os rápidos, os lentos, todos caem à mesma velocidade, eis o que me ensinaram, podes ser campeão de cem metros, podes não ter capacidade para mexer um pé, estás de cadeira de rodas e cais mais rápido do que o atleta, eis como são as coisas e como a queda substitui deus nos pormenores, eis que a queda nivela, meu querido (TAVARES, 2013, pp. 12-13).

## **Conclusão**

Tanto Luiz Ruffato como Gonçalo M. Tavares levam para outro lugar o primado do enredo. Ao convidarem o leitor para repensar o seu papel em meio ao caos urbano, tanto o escritor brasileiro como o escritor português constroem uma leitura de mundo em que a “atmosfera e os ambientes” do seu tempo aparecem delimitados pela linguagem levada ao limite, no qual as experiências são lidas na pulsão de uma cidade ou em espaços abertos (ruídos) por onde os corpos transitam. Enquanto que para Ruffato o desdobramento de experiências que registram o cotidiano ao longo da construção estética está a serviço da noção do caos urbano, para Tavares o emaranhado de tempos e a desterritorialização são marcas de um tempo em crise. A era da técnica e

de sua reprodutibilidade marcaram a transformação das experiências no espaço e no tempo.

### Referências

- BARBOSA, Catia Valério Ferreira. “Luiz Ruffato e as vozes pregressas: experimentações e releituras”. In: CHIARELLI, Stephania; DEALTRY, Giovanna. *O Futuro pelo retrovisor*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2013, pp. 149-166;
- BENJAMIN, Walter. “O narrador”. In: \_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas*, v. I, Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985, pp. 197-221;
- DEALTRY, Giovanna. “O romance relâmpago de Luiz Ruffato: um projeto literário-político em tempos pós-utópicos”. In: DEALTRY, Giovanna; LEMOS, Masé; CHIARELLI, Stephania. *Alguma prosa: ensaios sobre literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007, pp. 169-178;
- GOMES, Heloísa Toller. “Crítica pós-colonial em questão”. *Z Cultural – Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea*, Ano III, vol. 1, 2008;
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. “A presença realizada na linguagem: com atenção especial para a presença do passado”. *História da historiografia*. Ouro Preto, N° 03, Setembro, 2009, pp. 10-22;
- \_\_\_\_\_. *Atmosfera, ambiência, Stimmung: sobre um potencial oculto da literature*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014;
- \_\_\_\_\_. “Presente = Passado (eternidade)”. In: \_\_\_\_\_. *Em 1926: vivendo no limite do tempo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999;
- \_\_\_\_\_. *Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea*. São Paulo: Editora Unesp, 2005;
- KOSELLECK, Reinhart. “‘Espaço de experiência’ e ‘horizonte de expectativa’: duas categorias históricas”. In: \_\_\_\_\_. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006;
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009;

- \_\_\_\_\_. “O efeito de realidade e a política da ficção.” *Novos Estudos*. CEBRAP n° 86, São Paulo, Março, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002010000100004>;
- RESENDE, Beatriz. “A literatura brasileira num mundo de fluxos”. *Revista Z Cultural*, Ano VI, N° 1, 2011;
- \_\_\_\_\_. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008;
- RUFFATO, Luiz. *Eles eram muitos cavalos*. Rio de Janeiro: Record, 6ª edição, 2007;
- TAVARES, Gonçalo M.. *animalescos*. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 2013;
- SCHOLLAMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.